

CARLOS FUENTES: MITO, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO HISPANO-AMERICANO

CARLOS FUENTES: MITO, MEMORIA E IMAGINARIO HISPANOAMERICANO

Bruno da Cruz Faber¹

Mariluci da Cunha Guberman²

RESUMO: O presente trabalho realiza um estudo da memória e do tempo relacionados ao mito na constância do escritor mexicano Carlos Fuentes (1928-2012). Na obra deste escritor verifica-se que tanto o tempo como a memória são intrínsecos ao mito, formando assim uma tríade inextricável. Realizando um levantamento dos elementos míticos presente no conto “Chac Mool”, que servirá de *corpus* para este trabalho, constataremos de que forma o tempo e a memória se fazem presente no mesmo. Para tal estudo utilizaremos como pressupostos-teóricos os conceitos de mito, tempo e memória na confluência de algumas teorias da memória na tentativa de abarcar a complexidade teórica dos termos. Este trabalho pretende demonstrar como o imaginário hispano-americano, em específico o do México, está subscrito na verdade poética da memória-mítica de um tempo que é outro, formando o que o próprio Carlos Fuentes denomina como *u-topia* do Novo Mundo.

Palavras-chaves: Carlos Fuentes. Mito. Memória. Tempo.

Introdução

Este trabalho se pauta na afirmativa do escritor e ensaísta mexicano Carlos Fuentes de que a América hispânica é uma utopia, mas não no sentido do senso comum, e sim no seu sentido etimológico: *u-topus*, ou seja, um não-lugar. Mas este não-lugar está entrelaçado com um não-tempo (FUENTES, 1997). Realizando um levantamento sobre os elementos presentes na constância deste escritor mexicano, nota-se a clara influência dos mitos pré-hispânicos na narrativa, criando assim tempos múltiplos e realidades diversas, formando uma cosmovisão de um mundo complexo, distinto, porém não antagônico entre si. Isso acontece porque, segundo o próprio Fuentes, a escrita poética propõe "a un mismo tiempo múltiples verdades antagónicas, una visión realmente dialéctica de la vida" (1998, p. 55). Ou seja, se percebe que na produção literária de Carlos Fuentes há um diálogo entre o presente e o

¹ Mestrando em Literaturas Hispânicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É formado no curso *Diplomado en Estudios Mexicanos* pela Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). E-mail: bruno.faber@gmail.com.

² Profa. Dra. do Departamento de Letras Neolatinas e do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orientanda do mestrando Bruno da Cruz Faber. E-mail: mariluciufjr@yahoo.com.br.

passado, principalmente no que se refere à memória coletiva do México Antigo, a cultura *mesoamericana*³. Como declara o referido escritor e ensaísta (FUENTES, 1994, p. 203): “La cultura indígena de México, capturada por el tiempo, sierva del tiempo, se libera a sí misma, mediante la imaginación, la obra de arte, la costumbre vital, convirtiéndose en ama (amante) del tiempo”.

A partir do supracitado, podemos afirmar que Carlos Fuentes busca compreender o presente tendo como base o passado, porque “no hay futuro vivo con un pasado muerto” (FUENTES, 1994, p. 09). Ademais, se nota que na constística deste escritor mexicano a literatura está fundada com o mito, ao qual se tenta resgatar por meio da memória coletiva, apresentando assim o “passado-mítico”, porque “el tiempo mexicano, antiguo y nuevo, está dentro de esta vieja memoria” (FUENTES, 1994, p. 208). Por tanto, se pode afirmar que na obra deste autor se constata que tanto o tempo quanto a memória são intrínsecos ao mito, formando assim uma tríade inextricável. Por tal motivo, este trabalho pretende demonstrar como o imaginário hispano-americano, em específico o do México, está subscrito na verdade poética da memória-mítica de um tempo que é outro formando assim uma cosmovisão fuentiana.

Seleccionamos dois contos deste escritor mexicano para realizarmos um estudo crítico que nos abra o horizonte sobre a sua poética. Dentre os vários contos por ele escritos, escolhemos “Chac Mool”, originalmente publicado em 1954 no livro de contos *Los días enmascarados*. Este trabalho está dividido em duas partes. Inspirado pelo livro da Ecléa Bosi (1994), a primeira parte deste trabalho consiste de um debate teórico a respeito da memória e sua intrínseca relação com o tempo. Na segunda parte, à luz do horizonte teórico discutido, estudamos criticamente os contos seleccionados do escritor mexicano Carlos Fuentes.

PRIMEIRA PARTE A MEMÓRIA DO SER

Sobre a memória

O nosso horizonte teórico se pautará, a princípio, numa visão heideggeriana com um diálogo permanente com outros teóricos em um esforço de melhor compreender a memória, porque parto do pressuposto que nenhuma teoria poderia abarcar o entendimento de um elemento tão complexo quanto a memória. Começemos, portanto, com a análise

³ O termo *mesoamericana* e *Mesoamérica* possui um sentido espaço-temporal. Se denomina *Mesoamérica* a região compreendida entre o centro-norte do México e o norte da América Central, englobandoquase todo o México no que se refere ao tempo anterior da Conquista da América (ÁVILA ALDAPA, 2008).

interpretativa do termo memória. O pesquisador Antônio Jardim (2005), voltando-se ao pensamento grego, afirma que a memória está associada à *Mnemósine*, que é a personificação da memória e a mãe das musas. Na mitologia grega, as musas surgiram por vontade de Zeus, para criar uma força/entidade que iria “registrar a façanha [derrotar Cronos] na própria memória do tempo” (PESSANHA, apud JARDIM, 2005, p. 127). Aqui já encontramos uma diferença entre tempo e memória que nos será crucial, em que esta passa a ser, no mínimo, a condição de possibilidade da constituição de um tempo que se confronta para além de um tempo mais imediato. Ou seja, a memória torna-se o gérmen propiciador do tempo: sem a memória não conseguiríamos apreender o passar do tempo.

Se as musas (memória) foram criadas para atualizar Zeus, assim sendo, a memória é uma atualização do ser. A *memória poética*, portanto, não é linear, um *continuum*, mas um *permanente fundante*, ou seja, funda o homem no mundo. A memória, assim compreendida, passa a representar a possibilidade de estabelecimento da cultura. Em outras palavras, o tempo poetológico (em contraposição a cronológico) tem como base a memória, que é, por excelência, um constituidor do mundo.

Até agora refletimos sobre o conceito de memória e tempo. Entretanto, outro conceito pode ser relacionado com ambos. Os gregos, segundo Jardim (2005), entendiam a verdade por meio da palavra “aletheia” (ἀλήθεια), cuja raiz do nome é “lete” (λήθη), que significa “esquecimento”. À esta raiz soma-se o “alfa privativo”, ou seja, a verdade, compreendida a partir dessa interpretação, é como o *des-esquecimento / memória*. A verdade, neste sentido, não é mais uma mera constatação das coisas materiais, mas sim um fruto desse *processo fundante* que é a memória. Neste perfil, se um mito está subscrito na cultura de um povo, ele faz parte da realidade pertencente àquele povo, àquela cultura.

A memória, portanto, não é um recorte da realidade, ela é uma unidade dos invisíveis. A memória é o nexos do que é, do que já existe, ou ainda não existe. Ela é a realização do que é antes mesmo de existir. Assim, o que faz distinguir recordação de memória, é que aquela é ter “presente no espírito” e esta é o constituir dos sentidos, é “a potencialização da densidade do real” (JARDIM, 2008, p. 157). Assim, a memória é a condição de possibilidade de se estabelecer um todo complexo temporal-espacial como unidade. Do mesmo modo como ocorreu com a *verdade*, a memória passa a ser tomada como a razão do que foi, do que é, ou, em especial, do que será. Ou seja, a memória, em última instância, aciona a própria dinâmica da verdade quando entendida originalmente como desvelamento (des-esquecimento).

O tempo quadridimensional

O filósofo e ensaísta Emmanuel Carneiro Leão já havia atentado para esta perda nos dias de hoje da força dinamizadora que é a memória. No artigo “O Esquecimento da Memória” (LEÃO, 2003) há a denuncia de que a *memória individual*, aquela que fixa conteúdos perceptivos, a *memória coletiva*, que é a experiência de participação e a *memória história*, aquela que celebra a continuidade das transformações e as consagra para o futuro, são conceitos que se contentam com reter fatos, conservar dados e repetir padrões de combinação e derivação. Esquecem-se da *memória criativa*, que é articulada tanto pela memória do passado quanto da memória do futuro, que em conjunto propicia a gênese da participação do homem no mundo.

Podemos então, a partir das considerações acima, chegar à conclusão que o tempo não é somente tripartição entre passado-presente-futuro, pois, partindo desta compreensão tripartida do tempo, este é entendido como “o fluir da sucessão da sequência de ‘agoras’” (HEIDEGGER, 1979, p. 266) – um tempo calculado/cronológico. Entretanto, há um *presentificar* que une estas três dimensões, ou seja, presente, passado e futuro não são sucessivos, mas simultâneos. O que une em presença e em ausência essas três dimensões é a memória, articulada pela dinâmica da memória do passado e da memória do futuro. Portanto, o tempo, assim concebido, é quadridimensional. Em que, verdadeiramente, a memória só é quarta dimensão quando se trata da enumeração aqui feita, pois está é a primeira, ou seja, “o alcançar que a tudo determina” (HEIDEGGER, 1979, p. 265)

Da memória individual

Saindo de um campo teórico ontológico, mas continuando no âmbito metafísico, Bergson (1999) se propõe a uma teorização a respeito da memória. Como o seu estudo é longo, apenas iremos nos apropriar de dois termos propostos pelo filósofo francês. Para este há dois tipos de memória, a saber: a *memória-hábito* e a *imagem-lembrança*. A primeira se refere aos hábitos costumeiros adquiridos ao longo da vida. São ações realizadas *em automático*, que não passam por uma reflexão por parte da memória. Por isso Ecléa Bosi (1994, p. 11) dirá que “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural”.

A isto o antropólogo Joël Candau denominará de *protomemória*, porque é uma “memória de baixo nível” (2011, p. 21), pois introjetada no ser, tem caráter repetitivo e habitual, muitas das vezes incorporada de valor social não questionado. Candau afirma que “O *habitus* depende, em grande parte, da protomemória” (2011, p. 22). Entretanto, o *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

antropólogo nos chama a atenção que “O *habitus* como experiência incorporada é um presença do passado – ou no passado – e não a memória do passado” (2011, p. 23).

Enquanto ação repetitiva não questionada, não podemos dizer que é uma memória em si, porque o sujeito não percebe que lembra. Por isso não se trata de uma memória do passado, apenas da presença do mesmo. No conto de Fuentes, nada será questionado até chegar o ponto-chave do conto. Somente a partir de uma ação ativa do sujeito teremos a memória e a representação da mesma (a metamemória).

Voltando a Bergson (1999), temos a segunda categoria de memória, que é a *imagem-lembrança*. Esta funciona como um ato de revelação, porque conecta vários elementos e deles extrai um sentido um tanto quanto transcendental. Isso acontece porque, segundo Bosi (1994, p. 11) a “*imagem-lembrança* traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida”.

A teoria bergsoniana tem como base a memória pura, ou seja, tudo o que foi vivido e experienciado é “arquivado” no nosso espírito podendo vir à tona a qualquer momento, pois “toda lembrança ‘vive’ em estado latente, potencial” (BOSI, 1994, p. 14). Contra esta continuidade da memória, Gaston Bachelard (1988) propõe a teoria do repouso, dialetizando o conceito de memória, dizendo que esta é constituída de lembrança e esquecimento simultaneamente, pois só pode ser lembrado aquilo que foi esquecido e somente se pode esquecer aquilo que já foi um dia lembrado. Como bem afirma a pesquisadora Angélica Soares (2009, p. 13), a memória é uma “permanente tensão entre lembrar e esquecer, pensada aqui como um dos pilares do nosso dinamismo existencial”.

Da memória coletiva

Seguindo nossa trajetória de discussão, passaremos do ontológico e metafísico para a teoria psicossocial. Maurice Halbwachs (1990, p. 21) atenta que “não podemos pensar em nós mesmo, senão pelos outros e para os outros”, ou seja, “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais”. Halbwachs afirma, portanto, que ninguém lembra por si próprio, nossas lembranças estão conectadas com o outro, que o teórico denomina de “as testemunhas”. Não nos lembramos de tudo, mas as testemunhas lembram por nós e nunca se lembra exatamente aquilo que aconteceu.

Justamente como declara Bachelard (1988), nossa memória é composta de lembrança e esquecimento e muito do que esquecemos é “preenchido” pela imaginação, pois “para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 1990, p. 28). De encontro a este pensamento, Soares (2009, p. 27) afirma *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

que “na ação de lembrar contamos com a imaginação, porque os fatos não se revivem, reconstruem-se, recriam-se nos descontínuos e lacunares movimentos temporais da rememoração”.

Para este trabalho chamamos a atenção para a seguinte proposição de Halbwachs (1990, p. 31): “Há pessoas de quem dizemos que estão sempre presente (...) Uma espécie de instinto vital lhes ordena desviar seu pensamento de tudo aquilo que poderia distraí-las do que as preocupa atualmente”. Isto é, pessoas que só vivem o presente mal recordam do seu passado, assim pouco a pouco nos distanciamos daquilo que somos, uma vez que, para Candau (2011), é a memória enquanto passado e a metamemória enquanto representação que cada um faz do seu passado que define a nossa identidade. Somos o que somos pelo que lembramos e pelo que esquecemos e a forma como “costuramos” esta colcha de retalhos que é a memória.

Das memórias e o tempo

Conforme fomos discutindo ao longo deste trabalho, a memória pode ser estudada por vários ângulos. Do que nos concerne e fazendo uma síntese, temos que toda memória é social, uma vez que depende sempre dos indivíduos e dos ambientes em que interagimos. Entretanto, o ato de lembrar é sempre pessoal/individual. Ainda que haja as testemunhas que relatem situações em que não nos lembramos, nada garante que elas virão à tona. É em cada indivíduo que a memória realiza o seu trabalho. Sobre os trabalhos individuais da memória, vimos que em Bergson ela pode ser manifesta em (i) *memória-hábito* e em (ii) *imagem-lembrança*. Já para Candau temos três tipos de realizações: a (i) *protomemória*, que vem de encontro com a definição de *memória-hábito* proposto por Bergson, a (ii) *memória* em si, composta de esquecimento e de recordações, e a (iii) *metamemória*, que é a representação da própria memória e esta representação como formadora de nossa identidade.

Vimos também que a memória está entrelaçada necessariamente com o tempo e que a condição *sine qua non* da apreensão do tempo é a memória, sem esta não é possível conceber a ideia de tempo. Segundo Heidegger, o tempo é quadridimensional: passado, presente, futuro e a memória como o quarto eixo, que agrupa os três anteriores formando assim não um tempo linear, mas um tempo concomitante. O esquecimento total, portanto, seria um ato de perda de identidade, o que é similar ao morrer, pois segundo Eliade (2010, p. 109) "A fonte de Letes, o ‘esquecimento’, faz parte integrante do reino da morte”.

O tempo assim não é concebido como uma linha que contém um começo e um final, mais bem como um círculo, que embora haja um início e fim, eles estão interligados, *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

apagando assim essas fronteiras e criando uma perfeita continuidade dos acontecimentos. Mircea Eliade constata que o pensamento que predomina nessas concepções cósmico-mitológicas é "a repetição cíclica do que existiu antes, ou seja, o eterno retorno" (1992, p. 79).

Em Carlos Fuentes, especialmente, não se trata de uma narrativa de tempo cíclico, esta ideia é apenas o ponto de partida; pois o escritor elimina as divisões do tempo em "passado", "presente" e "futuro", constituindo tempos concomitantes. Na contística deste escritor este tema é muito recorrente. Como afirma Gonzalo Celorio em seu capítulo dedicado a Fuentes: "Los círculos del tiempo es un subtítulo que evoca el mito del eterno retorno" (CELORIO, 2008, p. 94), porque para este mesmo crítico, na obra de Carlos Fuentes, "el tiempo, ahí, no transcurre; es" (2008, p. 95).

Se, como afirma Guyau (2010, p. 145) "A arte deve imitar a lembrança", pois "Sua finalidade deve ser a de exercitar, como ela, a imaginação e a sensibilidade", passemos agora para o estudo do conto "Chac Mool" às luzes do horizonte teórico aqui discutido.

SEGUNDA PARTE

"CHAC MOOL" E A TRÍADE INEXTRICÁVEL MITO-TEMPO-MEMÓRIA

Em "Chac Mool" temos a história de Filiberto, protagonista do conto que morre ao começar da história. A morte de Filiberto só é explicada quando se aproxima do final do conto, segundo a informação que está no transcurso da narrativa. O conto inicia-se com a voz do primeiro narrador, que parece para transportar o corpo do protagonista do lugar do falecimento, Acapulco, até a casa do mesmo. Esse narrador, que conforme avança o conto se entende que é amigo de Filiberto, ao revirar os pertences deste acaba por encontrar o diário de Filiberto.

A partir do momento do descobrimento do diário, o atual narrador, amigo de Filiberto, dará voz ao citado diário do protagonista, tornando-se o segundo narrador. O primeiro e o segundo narrador se alternarão na narrativa do conto. Em questão de estrutura narrativa, portanto, temos há dois narradores, um vivo e outro morto, e saberemos o que se passou com o falecido protagonista através do seu diário, encontrado pelo primeiro narrador e amigo do protagonista.

Neste momento encontramos a *memória* de dois integrantes do conto: a do amigo de Filiberto e a do próprio Filiberto, presente no relato autobiográfico – o diário. Segundo Benjamin (2008), a vida se constitui pelas lembranças, isto é, a vida lembrada. Ora, o diário é *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

uma forma de representação da vida lembrada, pois só se escreve o que se lembra – como fragmentos da memória – não exatamente o que se viveu. E o narrador amigo de Filiberto, no decorrer da história, irá questionar as “memórias” do diário a partir do seu conhecimento de mundo (ou seja, a partir da sua “memória”). Entretanto, cabe ressaltar que memória não só é o que se lembra, isto é, o consciente, mas também o inconsciente, pois tudo o que experienciamos nessa vida fica retido em nós, ainda que não percebamos.

O primeiro fragmento do diário começa assim: “Hoy fui a arreglar lo de mi pensión. El licenciado, amabilísimo. Salí tan contento que decidí gastar cinco pesos en un café” (FUENTES, 2007, p. 10). Como se nota, trata-se de lembranças rotineiras, do dia-a-dia. Não à toa assim termina o referido fragmento: “¿Cinco pesos? Dos de propina” (FUENTES, 2007, p. 12). Esta primeira parte do diário é o que Bergson (1999) denomina de *memória-hábito*, pois se trata de ações adquiridas pela repetição, que não passa pelo crivo crítico da memória, como aponta Candau (2011).

Continuando com a trama do conto, ao beber o café, Filiberto começa a rememorar fatos do passado, agora sim uma memória de fato, pois começa a reflexionar sobre os eventos rememorados. Afirma o protagonista que nestas memórias “desfilaron los años de las grandes ilusiones (...) Sentí la angustia de no poder meter los dedos en el pasado (...)” (FUENTES, 2007, p. 11-12). Já se percebe por esse fragmento que o protagonista é um ser em dissonância com o seu passado. O elo entre o presente e o passado se encontra fragmentado, corrompido, desestabilizado.

Filiberto, através de seu diário, continua a narrar as suas lembranças. No segundo fragmento surge na história, por um breve instante, Pepe, um amigo do protagonista, que elabora uma hipótese significativa “si yo no fuera mexicano, no adoraría a Cristo” (2007, p. 13). Ou seja, na concepção de Pepe, Cristo e México têm laços profundos. O personagem ainda cita *Huitzilopochtli* (deus do sol na cultura asteca, a quem este povo oferecia o sangue dos guerreiros capturados em batalhas), como um deus do passado. Isto é, no México atual o deus é Cristo, e no México passado o deus era *Huitzilopochtli*.

Aqui se percebe a inferência de que a cultura ocidental europeia, pelo viés da época da colonização, é fundamentada pelo parâmetro da comparação excludente, isto é, sou adorador de Cristo, ainda que seja mexicano, pois vivo (me identifico) no presente, sou presente por não ser passado. Recordemos agora a divagação de Filiberto afirmando que na memória dele desfilava um passado de ilusões.

Mas se o passado já era ilusório, como é que está o presente (se por ser mexicano adora a Cristo)? Nota-se, então, que há um problema identitário aqui, porque a memória não

Revista Literatura em Debate, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

está conectando o passado com o presente e assim projetando um futuro. A estrutura quadridimensional proposta por Heidegger (1979) se encontra defasada no conto, pois o protagonista tem vivido uma vida de enganos, conforme ele *a posteriori* afirmará.

O protagonista Filiberto nos conta que tinha um *hobby*, que consistia em “aflicción, desde joven, por ciertas formas del arte indígena mexicano” (FUENTES, 2007, p. 13). E seu último desejo de compra era a aquisição de uma réplica de *Chac Mool*, deus do panteão maia, mas existente em outras culturas e religiões de *Mesoamérica*. Ao obtê-lo, o protagonista guarda a estátua do *Chac Mool* no porão, um lugar escuro, como o próprio Filiberto reconhece. E não poderia ser de outra forma, porque o passado (figurativizado como *Chac Mool*) na vida de Filiberto está presente no fundo do porão, lugar destinado às coisas velhas (BENJAMIN, 2008).

Ao dia seguinte, Filiberto se vê com problemas no encanamento da casa fazendo com que a água escorra até o porão. Após o conserto da tubulação, advém uma forte chuva que inunda o porão, cobrindo de lama a estátua do *Chac Mool*. Depois de tirar o musgo da estátua, Filiberto percebe que com o passar do tempo o *Chac Mool* não volta à consistência de pedra, mas que apresenta algo como a “textura de la carne” (FUENTES, 2007, p. 16). Filiberto declara: “siento que algo circula por esa figura recostada” (FUENTES, 2007, p. 17).

Agora é importante que comentemos um pouco sobre essa divindade. De acordo com o estudo de Thompson (1987, p. 394),

Los Chacs o Chaacs, dioses mayas que simbolizan la lluvia, reciben más oraciones y ofrendas, en un contexto pagan, que ningún otro ser sobrenatural. (...) Su culto es muy antiguo (...) *Chac Mool* es representado por una figurilla reclinada, de considerable tamaño, con las rodillas para arriba, y en general con una placa en el estomago, que se supone que sea para ofrendas.

O amigo de Filiberto volta a assumir a voz da narração somente para dizer-nos que a partir do dia 25 de agosto a letra de Filiberto havia mudado muito a tal ponto que “parecia escrita por otra persona” (FUENTES, 2007, p. 17). Continuando com a leitura do diário, percebemos agora o quão perturbado Filiberto se encontrava, fazendo reflexões sobre a realidade. Primeiramente, notam-se espaçamentos maiores entre os fragmentos do diário. Nestes fragmentos, o protagonista comenta que algo por ser natural se passa por real. Filiberto declara: “mi realidad (...) era movimiento reflejo, rutina, memoria, cartapacio” (FUENTES, 2007, p. 18) e, mais importante ainda, Filiberto afirma: “se presenta otra

realidad que sabíamos que estaba allí, mostrenca, y que debe sacudirnos para hacerse viva e presente” (FUENTES, 2007, p. 18).

Nestes fragmentos encontramos a *metamemória*, pois o narrador começa a questionar a si próprio e o seu entorno, sendo este questionar um trabalho da memória, um confronto da sua representação de passado com o seu presente. O passado ilusório ganha uma reviravolta, que aos poucos foi sendo alertado ao longo do conto, porque ocorreram “coisas inusitadas”: “(o *Chac Mool*) había cambiado de color en una noche”, “hay dos respiraciones en la noche”, “el cuarto olía a horror, a incienso y sangre” (FUENTES, 2007, p. 18-19). Assim, na noite anterior à estas reflexões, conta o protagonista, acende a luz do porão e encontra o *Chac Mool*, de pé e sorridente. Aqui se tem um *aparente* embate: o passado ressurgue no presente (passado *versus* presente). E começa chover...

O amigo de Filiberto retoma a narrativa expressando que havia rumores de loucura por parte Filiberto e que por isso havia sido demitido do trabalho. Ou seja, o atual narrador mostra uma justificação de que tudo o que não é da ordem da realidade é loucura. Para provocar e rejeitar essa dicotomia, Carlos Fuentes resolve fundir essas duas realidades no conto, ou melhor dito, por meio das reflexões anteriores, Carlos Fuentes revela que não há esta dicotomia, o passado não anula o presente nem vice-versa; o presente se funde com o passado, o presente é presente por ser atualizado pela memória, pelo passado, somos hoje esta unidade que a memória construiu. Parte da memória do passado pré-colombiano do México ressurgue nos dias atuais: o passado atualizando o presente. Temos aqui uma lembrança que conecta situações, que vivifica, que tem um sentido singular e jamais repetido: a *imagem-lembrança*.

Voltando à narrativa do conto, *Chac Mool* e Filiberto, o “aparente passado” e o “aparente presente”, passam a morar juntos na mesma casa. Entretanto, as anotações dão um salto de quase um mês, pois Filiberto só voltou a escrever em final de setembro. Filiberto comenta a fúria do deus maia com o mercador que lhe vendeu, pois o havia untado com molho de *ketchup* para se passar por divindade asteca, enquanto em verdade ele era maia. Isto é, pegar o *passado* e moldá-lo para ser *útil* ao presente, ainda que este *passado forjado* não seja verídico.

Com o passar do tempo na narrativa, o *Chac Mool* passa a assumir o controle total sobre a casa e sobre a vida de Filiberto. O deus maia passa a dormir na cama do protagonista e este a dormir na sala. Ademais, com a estiagem Filiberto tem que ficar molhando a casa, trabalhando para o deus. Filiberto confessa “soy su prisionero (...) El Chac Mool está acostumbrado a que se le obedezca, desde siempre y para siempre; yo, que nunca he debido *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 10, p. 13-26, ago. 2012. Recebido em: 07 jul. 2012. Aceito em: 31 jul. 2012.

mandar, sólo puedo doblegarme ante él” (FUENTES, 2007, p. 21). Isto é, o passado ao “pseudo-ressurgir” no presente passa a controlá-lo, pois o presente (Filiberto) nunca dominou o passado, mas o passado (*Chac Mool*) domina e determina/atualiza o presente.

Entretanto, ao desenrolar da narrativa, o *Chac Mool* passa a se interessar por coisas do presente ao ponto de obrigar, por exemplo, que Filiberto o ensine a usar sabão e loções de barba. E o protagonista nota algo curioso nesse processo de *modernização do passado*: “hay algo viejo en su cara que parecía eterna” (FUENTES, 2007, p. 23). O passado/a memória é grandioso por não ser cronológico, isto nos leva a reflexão que o passado não pode se construir nem se modificar no presente, pois assim se desfigura da memória, ou seja, a Mnemosyne, a deusa da reminiscência (BENJAMIN, 2008, p. 211).

Cansado dessa situação de serventia e de cárcere com o *Chac Mool*, Filiberto decide partir de casa quando o deus maia faz uns passeios noturnos atrás de animais para saciar a sua fome. E ainda deixa escrito no diário um desafio ao deus: “a ver cuanto dura sin mis baldes de agua” (FUENTES, 2007, p. 24). E neste ponto a narrativa se torna cíclica, pois retoma exatamente os acontecimentos do início do conto. E neste ponto termina o diário de Filiberto, e conseqüentemente, o amigo do protagonista volta a narrar.

Perante tal história tão inacreditável, o amigo de Filiberto confessa: “pretendi dar coherencia al escrito” (FUENTES, 2007, p. 24). Entretanto, por mais razões que buscasse, como excesso de trabalho ou algum motivo psicológico, ele não consegue encontrar razões para explicar. O amigo de Filiberto nunca conseguiria encontrar razões (explicações humanas) para o que ele leu, pois está muito mais além da mera compreensão racional do homem.

A narrativa prossegue com a chegada do cadáver e do amigo de Filiberto a casa deste. Antes que o amigo colocasse a chave na porta, esta se abre e “apareció un indio amarillo” (FUENTES, 2007, p. 24). O atual narrador tenta explicar a situação, no entanto, o “índio” interrompe sua fala e declara “No importa, lo sé todo. Dígale a los hombres que lleven el cadáver al sótano” (FUENTES, 2007, p. 24). E assim termina o conto, com um tom de dúvida no ar. Quem é o “índio” e como sabia de antemão a morte de Filiberto?

Vejamos que ironia há nesse final, porque se antes era a estátua do “Chac Mool” que estava no porão, agora quem vai estar aí é o cadáver do próprio Filiberto, destinado a cair no esquecimento. Observemos um dado curioso: Filiberto foi morto na água, o símbolo dos *chacs*, isto é, Filiberto morreu como oferenda ao Chac Mool.

Considerações Finais

Ao fim e ao cabo, o passado não foi morto na narrativa, ou melhor, sugere que ainda que “despercebido” ele está entre nós, é a nossa reminiscência e por mais que queiramos “deixá-lo para trás”, ele se faz presente no dia-a-dia, pois é este que nos atualiza e nos fundas no mundo. Realizando uma síntese sobre como Carlos Fuentes recupera ao longo do conto a memória coletiva pré-colombiana do México, encontramos como primeiro referencial a conversa de Pepe com Filiberto e a alusão a *Huitzilopochtli*. Depois quando o próprio Filiberto confessa sobre o seu hobby de colecionar peças de arte indígena do México. A terceira recuperação ocorre pelo ressurgimento do *Chac Mool* através da estátua comprada por Filiberto. Entretanto, o processo de “encarnação” é lento em que Carlos Fuentes permite que o leitor vá descobrindo pouco a pouco, através dos diversos sinais presentes no conto, como o problema no encanamento, as fortes chuvas, a inundação do porão; além de sinais mais incisivos como os gemidos noturnos que Filiberto ouvia. Outro sinal dessa “encarnação” é quando a letra de Filiberto muda drasticamente a partir do dia 25 de agosto. Outra referência a essa memória coletiva se dá quando se cita o nome de *Tláloc*, o deus da chuva asteca.

O retorno do deus maia Chac Mool surge aqui como forma de vingança paulatina e surpreendente. Carlos Fuentes introduz um ato ficcional no meio da narrativa que até aquele momento estava no âmbito normal/cotidiano. A ideia do retorno permite a Carlos Fuentes resgatar a mitologia indígena do passado e situá-la no mundo contemporâneo. E quando isso se estabelece na narrativa, o protagonista Filiberto começa a refletir sobre e toda a vida parece revelar-se plena de sentido: “mi realidad lo era al grado de haberse borrado hoy” (FUENTES, 2007, p. 18).

A verdadeira recuperação do passado e da história (neste conto referente ao México) ocorre quando ela transcende do papel (o relato autobiográfico de Filiberto) e passa a forma parte do que somos hoje, do que nos define e do que nos caracteriza (no caso do conto, o “tornar a ser mexicano”), ou seja, a nossa *unicidade*. O que resta é escolher, como Filiberto fez, é se a verdade pertence ao plano do “real” ou ao plano do ficcional, da imaginação.

RESUMEN: El presente trabajo realiza un estudio de la memoria y del tiempo relacionados al mito en la cuentística del escritor mexicano Carlos Fuentes (1928-2012). En la obra de este escritor verificase que tanto el tiempo como la memoria son intrínsecos al mito, formando así una tríade inextricable. Realizando un levantamiento de los elementos míticos presentes en el cuento “Chac Mool”, que servirá de *corpus* para este trabajo, constataremos de que forma el tiempo y la memoria se hacen presente en el propio cuento. Para tal estudio, utilizaremos como campo teórico los conceptos de mito, tiempo y memoria en la confluencia de algunas teorías de la memoria en el intento de abarcar la complejidad teórica de los términos. Este trabajo, pretende demostrar como el imaginario hispanoamericano, en específico lo de México, está subscrito en la verdad poética de la memoria-mítica de un tiempo que es otro, formando lo que el propio Carlos Fuentes denomina como *u-topia* del Nuevo Mundo.

PALABRAS CLAVE: Carlos Fuentes. Mito. Memoria. Tiempo.

Referências

ÁVILA ALDAPA, Rosa María. *Los Pueblos Mesoamericanos*. México: Instituto Politécnico Nacional, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 3. ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CELORIO, Gonzalo. Circularidad del tiempo. In FARÍAS CAMPERO, Carolina (coord). *Los días de Fuentes*. Nuevo León: Fondo Editorial de Nuevo León, 2008.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 6. ed. Trad. Paola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FUENTES, Carlos. *Nuevo tiempo mexicano*. México: Aguilar, 1994.

FUENTES, Carlos. *Valiente Mundo Nuevo: épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana*. 2. ed. México: Terra Firme, 1997.

FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. México: Joaquín Mortiz, 1998.

FUENTES, Carlos. “Chac Mool”. In: _____. *Cuentos sobrenaturales*. Buenos Aires: Alfaguara, 2007.

GUYAU, Jean-Marie. *A gênese da ideia de tempo e outros escritos*. Trad. Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

HEIDEGGER, Martin. “Tempo e Ser”. In:_____. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JARDIM, Antonio. *Música: Vigência do Pensar Poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. O Esquecimento da Memória. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 153, p. 143-147, abr.-jun. 2003.

SOARES, Angélica. *Transparências da memória: estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

THOMPSON, J. Eric S. *Historia y Religión de los Mayas*. 8. ed. Trad. Félix Blanco. México: Siglo Veintiuno, 1987.